



Tomás Quental Mota Vieira

Dr^a Maria de Fátima Borges deixa-nos com um exemplo de açoriana e de intelectual

Há poucos dias enviei-lhe pelo Facebook uma mensagem a desejar-lhe um feliz ano de 2020. Na simpática resposta, a agradecer e a retribuir, a minha antiga professora universitária e amiga de há muitos anos informou-me, surpreendentemente, que estava “hospitalizada depois de uma operação” e que esperava ter “alta na próxima semana”.

Quando eu pensava que ela estava em franca recuperação, para regressar à sua “casa-museu” na cidade da Ribeira Grande, para junto dos seus muitos livros, do seu bem cuidado jardim e do seu adorado gato persa “Filipe”, sou agora confrontado com a triste notícia do seu falecimento.

Ainda recentemente publicou a obra “Vai Chover Amanhã”, que poderá sugerir ou indiciar a quem não a leu uma ideia - digamos assim - de alguma tristeza ou de um certo desencanto. Depois de ler - com o maior gosto e não menor prazer! - esta obra literária, composta de crónicas e contos, digo que o optimismo, o humor e a vivacidade de espírito acompanham todas as prosas, também marcadas, pelo menos algumas, por um notório

sentimento de saudade, principalmente de familiares desaparecidos.

Além disso, a natureza e o mar acompanham essa obra, como elementos estruturantes e marcantes da personalidade da autora, que nasceu na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, no concelho de Ribeira Grande. Completou os seus estudos secundários em Ponta Delgada. Em 1961 ingressou na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que depois deixou por contingências da vida, para em 1976 ingressar na Universidade dos Açores, onde obteve a licenciatura em Estudos Portugueses e Ingleses. Durante vários anos, foi Assistente Convidada da Universidade dos Açores, onde lecionou a cadeira de Cultura Portuguesa, no âmbito do Departamento de Línguas e Literaturas. Também foi funcionária no sector bancário.

Além da obra “Vai Chover Amanhã”, foi e é autora do livro de contos “A Cor Ciclame e os Desertos”, editado em 1989. Produziu, igualmente, poesia. Esta autora está incluída, referenciada e

estudada em várias antologias.

Estava e continuo a estar ligado à dr^a Maria de Fátima Borges por uma amizade muito antiga: primeiramente, através das nossas famílias, que se relacionam há longas décadas; depois, porque fui seu aluno - e com muito gosto e maior proveito académico! - na Universidade dos Açores; finalmente, mantivemos contacto através do Facebook, encontrando-me eu no Continente e ela na ilha de São Miguel, na sua “casa-museu”, na Ribeira Grande, cheia de móveis antigos e outras relíquias de família, sendo que o próprio edifício é também muito antigo, guarda recordações de várias gerações e certamente foi uma fonte de inspiração e um local apropriado para a criação literária.

A dr^a Maria de Fátima Borges, um exemplo de açoriana e de intelectual, sempre recatada mas sempre brilhante, deu um inestimável contributo para a literatura açoriana, literatura de significação açoriana ou literatura portuguesa produzida nos Açores, conforme a perspectiva de cada um. Vai fazer muita falta!



J. Chrys Chrystello*

Nunca se aprende e a história repete-se

Pedem-me para não perder o meu otimismo proverbial, mas começa a ser difícil.

Médicos agredidos por utentes, um jovem espancado até morrer na calma Bragança pouco dada a estes crimes; pais pedófilos a verem a pena reduzida quando a pena de morte pelos seus crimes era pouco; 31 mulheres mortas em 2019 por violência doméstica (muitas vezes sinalizadas pelas autoridades); uma idosa de mais de 90 anos morta por ladrões de tostões; e isto não são notícias do canal sensacionalista de televisão, mas vêm em todos os jornais e telegornais.

Lá fora nesse mundo vasto as notícias são ainda piores, um pouco por toda a parte, da Ásia, a África, Américas e mesmo na Europa. Uns aproveitam esta maré para desinformação, criação de mais notícias falsas, instalando mais medo generalizado e terror; outros usam-nas para introduzir mais medidas securitárias que coartam a liberdade dos povos.

Não é, pois, de admirar que as sondagens indiquem que um certo partido recém-criado, e com assento parlamentar (e para lamentar) duplicou a sua margem de apoio e ruma para um futuro risonho (para si) ou tristonho (para nós).

A História já nos devia ter ensinado (foi em 1930 a última vez) que é assim que se criam regimes totalitários fascistas, mas, cada vez me-



nos, existem políticos com escrúpulos e dignidade, capazes de colocarem os reais interesses

da nação à frente dos seus interesses pessoais e partidários.

As massas seguem adormecidas pelos fogos de artifício (que tanto mal causam à poluição e cujo custo exorbitante bem poderia ser usado para melhorar a vida dos povos que embasbacados os observam), anestesiadas pelos aumentos de taxas, taxinhas e demais impostos, aumentos anuais do custo de vida desproporcionais aos aumentos de rendimentos, inebriadas pelas conquistas desportivas dos seus clubes, e crentes de que tudo se irá compor numa fé inabalável sem fundamento.

Para os mais esclarecidos, lúcidos ou capazes de lerem nas entrelinhas e descodificarem por entre as falsas notícias, os falsos alarmes, o terror institucional e outras manobras, ficou guardado o opróbrio de serem chamados denegridores dos avanços pátrios, e na maior parte dos casos, ficam a falar sozinhos neste deserto com vozes que habitam, incapazes e impotentes de pararem esta marcha silenciosa para o abismo...

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713 [Australian Journalists' Association] MEEA]